

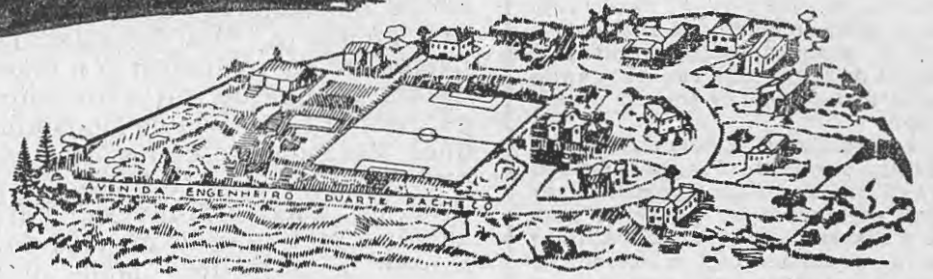
Redacção, Administração e Propriedade
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA—Tel. 5 Cete
 Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Director e Editor
PADRE AMÉRICO
 Valco de Correio para CETE

AVENÇA



Gaiato



Visto pela
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—197
 Preço 1\$00

UMA DATA

Foi no dia 3 de Setembro. Uma semana antes, à estação da missa paroquial, avisou-se que no dia 2, domingo, as casas estariam em exposição e na segunda-feira de manhã, os seus ocupantes dariam entrada no que é deles: *Património dos Pobres*. Houve o cuidado dos últimos retoques. Ofereceram-se visinhos dos lugares que, por devoção, tomaram conta.

Era de ver o entusiasmo de cada um. Limpar os vidros. Lavar o chão. Bater o saibro da cozinha. Dispor a mobília. Arrumar a lenha. Era gente do povo. Estão afeitos ao trabalho.

Via-se na cantareira o cantarinho de ir à fonte. Sobre a mesa um vaso de flores. Na lareira, painéis de Crestuma. Loíça de Barcelos, na bolsa da chaminé.

De véspera, entrara em cada habitação um cesto de provisões para um mês; que os *samaritanos* arrumaram dentro da masseira, religiosamente.

Avisou-se, sim, e o povo da freguesia não faltou. Lágrimas. Silêncio. Alegria espiritual:—uma visita aos lugares santos! A nossa comunidade, não podia deixar de tomar parte. Em grupos que eles mesmo escolheram, foram livremente ganhar o jubileu! Na tardinha desse dia, os *samaritanos*, fecharam a porta das formosas casas, tomaram as chaves em suas mãos. Fizeram em cada uma, de uma fita de pano azul, um formoso laço. Juntaram à chave uma graciosa saqueta do mesmo pano, com dinheiro em prata, e assim munidos, dirigiram-se a casa de cada um dos ocupantes e procederam ao seu transporte; alguns, em carro de bois. Lágrimas. Silêncio. Alegria espiritual. Uma data!

Damos aqui o nome inteiro de cada um dos moradores. A eles toda a glória. Eles merecem ser conhecidos:

Casa número um; Glória Barbosa, solteira, 57 anos, doente e Maria Trindade, solteira, 64 anos. Casa número dois; Margarida Pinto Leal, viuva, 50 anos, mal de Coreia. Casa número três; Maria Trindade Ferreira, viuva, 71 anos de idade. Casa número quatro; Tomás Dias, viuvo, 76 anos. Casa número cinco; Olinda Ferreira, viuva, 51 anos, entrevada. Casa número seis; Joaquina da Silva, viuva, 72 anos, entrevada. Casa número sete; Maria de Sousa, solteira 84 anos.

Doentes. Velhos. Estropeados. Há três casos de doença incurável! A eles toda a glória. Só eles merecem ser conhecidos. Que valemos nós, para o sermo?

Enquanto os *samaritanos* pre-

paravam as novas residências, eu quiz tornar. Já sabia, mas fui novamente pelas cortelhas gozar a próxima libertação de cada habitante. Como olhariam eles para mim, naquela maré? Como os teria eu impressionado? Qual teria sido a sua palavra interior? Eles iam ser libertados e estava ali o libertador! Nunca tão perto deles como naquele momento. Amanhã, teriam uma casa. Todos viviam numa cortel!

Começou o movimento em Fevereiro deste ano e meses depois, já foi possível abrigar um número considerável de Indigentes. Antes do ano terminar, esperamos abrigar outros tantos, com identico cerimonial. Aos meus Padres do Tojal e de Miranda, recomendo o mesmo proceder, quando vier a hora de entregar chaves das casas que já andam a construir.

Nós somos às avessas dos mais. Nós causticamos. Nós dizemos mal do mundo e das suas normas. Em obras doutra natureza, pode-se tolerar a senhora dona inauguração; nós inauguramos a nossa aldeia, com tudo de tudo. Sim; inauguramos. Mas aqui não.

Lágrimas. Silêncio. Respeito. Saibamos medir e avaliar. Aqui, há só um discurso e nele, só uma palavra: Confusão! Envergonhados do pouco que se faz, aiba cada um arrepender-se, a começar pelos mais velhos; e façamos.

UMA EXCURSÃO

Foi no dia 2 de Setembro. Eram 5 camionetes. Chegaram à hora do jantar e viram-nos a comer. Era melancia das nossas. Era sopa. Era arroz de carneiro. Era salada de tomates. O domingo é assim.

Um dos senhores da excursão pediu licença e levou um dos nossos mais pequenos a participar do merendeiro de todos, após o que se dirigiram à mata. Por volta das 3, nota-se a multidão que regressava. Sobem avenida e vêm direitos a mim. Toma a palavra o mesmo que me pedira a companhia do pequeno e diz esta coisa espantosa: nós somos do Carvalhido. Somos trabalhadores. Formamos o *Grupo Excursionista Amigos do Gaiato*. Descontamos para ele dois tostões por semana e aqui trazemos o produto,—mil cento e seis escudos, e oitenta centavos! Este é o primeiro ano, continua a dizer o trabalhador do Carvalhido. Para o próximo veremos. Simplesmente espantoso!

Agora

Lisboa abre com 250\$. A seguir vai um assinante com cem. Imediatamente atrás vai outro com 150 deles para as casas dos meus irmãos. Estranha linguagem! Deixem passar este senhor que frequenta o 77 e vai cheio de frescura a dizer que brevemente espera explicar-se melhor; desta feita leva cem. É de Soutelo Mourisco. Vai uma pobre remediada de Alcanena com cinquenta para a ajuda de uma mesa. Vai a pequenina Edite Maria que nasceu ontem no Brasil, e mal pode com a pedra de 100\$. Um vidro de 100\$. Uma telha das Caldas de 150\$. Lisboa torna com cem. Outra vez Lisboa com o mesmo. Passa agora Lourenço Marques com tejos no valor de quinhentos escudos; é uma mãe de quatro ilhos. Cada um leva sua peça e ela, a quinta. Sem haver necessidade de deslocações dispendiosas, também nós realizamos aqui um Cortejo do Império. Posso mandar dinheiro de Lourenço Marques? Sim Boa Mãe. Mande tudo. Mande de tudo. Aqui chega tudo. Lamego leva uma telha. S. Pedro do Sul dá quarenta. O Porto vai com cem. Logo atrás um assinante leva metade. A *Maria Agradecida* vai com cinquenta. Agradecida diz ela, porque vou aprendendo no *Gaiato* o que é a Caridade. Ora disto é que eu gosto. A isto chamo eu procissão. Aqui tudo vale. Tudo pesa. Tudo diz. Pedras Salgadas leva cinquenta. A Anadora também vai. Da mesma sorte Porto com cinquenta. Agora queiram arrumar-se e dar lugar à Beira; Beira do Indico. É uma pedra de duzentos escudos. Outrora iam pedras de cá para construir fortalezas. Hoje é às avessas. Também vai uma telha de 20\$. Uma nota de quinhentos vai aqui nas mãos de um desconhecido. Um *Zé Ninguém* subtraiu 50\$ às despesas das suas férias e vai com eles na procissão; não ficava bem com a minha consciência se lhos não mandas-se, diz a carta. Isso. Isso mesmo. Disto é que eu gosto. Isto é doutrina; a propósito, estive ontem um formidável Packard com cinco senhores lá dentro. Presidente, cicerone, curioso como é, descobriu que eram turistas e soube deles os nomes das terras que tinham percorrido. Deram-lhe 20\$. O rapaz chega ao pé de mim furioso. Bufava. Olhe pra isto. Uma nota conhecida e ainda pra mais toda suja. Eles andam por lá, gastam o dinheiro todo e só no fim é que se lembram de nós. O formidável Packard desceu a avenida com a maldição dum Inocente! Era quase noite. Eu tenho medo da noite... Uma telha de Ovar, de vinte escudos. Uma

Só faltam 1028 contos para chegarmos à primeira fase das cem; depois se verá...

portuense reconhecida vai com cem. E um vidro de vinte escudos de uma que tem medo de barracas dum só compartimento onde moram pais e filhos. Tem ela e tenho eu. Eu tenho mesmo muito mais medo disto do que de tudo quanto parece meter medo. Outros 20\$. Ora arrumem-se um nadinha e deixem passar Lisboa:

«V. é um repositório da vida de nós todos. Contamos-lhe a nossa alegria a nossa tristeza, os nossos anseios... perdoe a ingenuidade... julgamos por vezes por que fixa as nossas lenga—lengas.

Vem, a propósito, este prolego, dum pequeno oferecimento dum funcionário do Porto que regressa ao seu lar, e que, por esse motivo, lembrando-se da sua própria alegria, com uma migalha contribuiu para o lar dum pobresinho.

Pois, agora, melhorei, graças a Deus, as comodidades da minha casinha e, paga a conta, fiquei com uma nota de cem.

Parece-me justo que, se eu melhorei o meu tugúrio, essa notícia vá contribuir para uma barraquita a construir pelo «Património dos Pobres». Barraquita, é mílo, na acessão meiga da palavra e não como denominação deprimente».

Agora por mais largo; é o Xai-Xai:

«O *Gaiato* é o jornal mais ansiosamente esperado, nestas longínquas paragens de África, porque como alguém já disse, e muito bem, faz nos rir e chorar. Bem haja Padre Américo pela grandiosa obra que está a erguer no nosso sempre querido e lembrado Portugal.

Alguém admirador do seu trabalho, lembrou e foi logo secundado por toda a população, de arranjar dinheiro para uma casa, e assim juntamos o cheque n.º 709715 s/o Banco Nacional Ultramarino de 12 contos, contribuição desta boa gente para minorar a vida a um pobre.

Se não for contra os princípios que orientaram a ideia das casas para pobres, gostaríamos que fosse afixada na fronteira da Casa os seguintes dizeres «CASA DO XAI-XAI» Moçambique.

Não julgue que é vaidade este pedido. Tem uma finalidade. É ver se outras terras lhe seguem o exemplo, e assim, se todas as Circunscrições, Vilas e Cidades do nosso vasto Império, mandassem construir a sua casa, que lindo mapa V. faria e que lindas lições de geografia podia dar aos seus gaiatos.»

A carta, como se lê no texto, é dedicada ao nosso sempre querido e lembrado Portugal. Eu ia dizer

(Continua na 2.ª página)

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

E' o Ultramar. O Ultramar está actualmente no uso da palavra; e com tanta eloquência o faz! Dir-se-ia que através de O Gaiato, os portugueses de além-mar vêm com outros olhos o Portugal que deixaram! E' simplesmente espantoso o número de listas que vão chegando e os termos de que se servem ao enviá-las.

Nenhum deles jamais descobrira que tinha dentro de si tanta coisa boa para dizer; tão pouco suspeitava ser capaz de encontrar palavras com que o dissesse. Porém, agora, tudo vem à superfície. E' o Reino de Deus. O Reino de Deus está dentro de nós! Pois é verdade; o Ultramar delira e bate as palmas. Ultimamente foi o Chinde. Aquela boca do Zambeze banhada pelo Indico, dá hoje notícias e anda a par. Gostei de ter uma lista daquela terra. Li os nomes um por um, coisa que nunca fiz e ando contente que no Chinde se mastiguem notícias da nossa Obra. Mal feito do Chinde, eis que aparece hoje Porto Amélia e Moçambique; a ilha de Moçambique. A lista desta última trás nomes estrangeiros entre os quais subditos de Maomé; maometanos *Monhês*. E para dizer toda a verdade destes felizes acontecimentos, o dinheiro anda à frente. A pessoa se determina, toma a caneta e papel vai de porta em porta e juntamente com o nome, *acaça* a importância. Tem graça que esta não é igual. Uns dão mais outros menos. Não há o máximo. Não há o mínimo. Nós somos a porta aberta!

Os habitantes do Continente estão longe da saturação. Se não com aquele entusiasmo dos tropicos, o certo é que todos os dias chegamos alguns a dizer que sim. De forma que, continuamos na afirmativa dos cinquenta mil.

Uma coisa que deslumbra, é observar de como se faz aqui a expedição com o pessoal menor de que dispomos. E' assim: na quarta feira à tarde corta-se o jornal e nessa mesma hora se começa a dobrar. São duas dúzias de rapazes em redor de três grandes mesas. No dia seguinte, já a coisa é mais séria e entram alguns dos de responsabilidade; são os endereços. Colónias. Brasil. Estrangeiro. Continente por cidades, vilas e terriolas, segundo a geografia dos C T T. Finalmente a expedição. Durante estes três dias que se repetem todas as quizenas, o que naturalmente deslumbra e interessa, é notar que o trabalho sai da mão destes rapazes, segundo eles. Segundo a sua natureza e modo de ser. Não é nada forçado. Não é nada imposto. Eles, esta dúzia de rapazes, extremem de alegria enquanto executam! Sempre que me é possível, eu assisto um bocadinho para participar e também estremecer. Sim; é coisa muito para admirar a expedição do famoso. Mesmo que ele não fosse um jornal de interesse, valia bem o dinheiro pela sua alegria que empresta aos habitantes da nossa aldeia. Muito dinheiro se gasta em brinquedos como alimento infantil e de pouca dura. Gasta-se e é bem gasto. É uma necessidade da criança. Se os parentes não têm posses para os comprar, tem a criança habilidade para os fazer. Pois muito bem. Toma o jornal por um brinquedo destes meus filhos; é a brincar que eles o expedem. Se não queres tomar por assinatura a cota anual, podes dizer a toda a gente, e é certo, que ajudas hoje a brincar, trabalhando, quem antes se pervertia e sujava, por não ter trabalho.

Ora façam o favor de ler esta carta de Silva Porto de um professor do Instituto Liceal e Técnico do Bié:

«Vi num jornal que me emprestaram, a Sua CAMPANHA DOS 50.000 e não quero deixar de corresponder, inscrevendo-me também como assinante. Mas, como entre a Metrópole e esta Província Ultramarina não há cobranças pelo correio, rogo a V. Ex.ª que me informe quanto e como lhe hei-de enviar o dinheiro da assinatura. Se tiver ainda por aí algum livro ISTO É A CASA DO GAIATO envie, sim? Descobri no seu jornal um mundo novo de paz e de luz e não quero deixá-lo perder. Agora é necessário que o cultivo dentro de mim para que venha a produzir algum fruto. E devo dizer-lhe que gosto muito do seu Português do Bié. Todo ele edifica».

Hom'essa? Não é assim que se diz no Estoril. Seja como for e independentemente das opiniões de cada um, o que a gente pretende é mais é atingir a meta.

Da que nós necessitamos

Mais da Ilha de Moçambique mil e cem escudos, produto de uma subscrição do pessoal de saúde do hospital. Como se isto fora pouco a Ana meteu-se na campanha das asinaturas e mandou um cheque de mil e duzentos escudos. Viva a Ilha de Moçambique! Mais cem escudos de uma *pecadora*. Mais de António Enes, 200\$ de uma portuguesa. Para ajudar o meu marido, diz ela, dou pensão a hóspedes. Mais uma prova de que é portuguesa. Ajuda o seu marido. Dignifica o seu lar. Dá testemunho da Pátria. Diz bem do seu sexo. E' uma Portuguesa do Ultramar. Mais de Leiria quinhentos escudos para os pobres do Barredo de uma letra muito modesta e papel muito modesto. Mais de S. Mamede de Infesta uma encomenda postal. Foi se a ver e eram seis metros de correia para o nosso tear tal qual os pediu o Hélio em uma garatujada que saiu no derradeiro número. Mais vinte, *oferta de quem ganha pouco e não esquece que os que têm devem socorrer os que precisam*. Isso. Isso mesmo. Disto é que eu gosto de ouvir. E' preciso que esta seja a doutrina e enquanto não for, ninguém espere por melhores dias. De nada servem e para nada prestam as chamadas conferências da paz. Mais um vale de mil escudos do Estoril. Mais um dito de Tondela; *aliviar uma dor, enxugar uma lágrima, prestar um auxílio, eis a maior alegria que pode sentir um cristão*. Isso. Isso mesmo. Disto é que eu gosto. Bendita seja esta tribuna aonde os cristãos de todas as cores e nações podem vir ensinar os pagãos do nosso tempo. Mais 56\$, *importância sobrance de uma quete para custiar uma coroa oferecida ao excelente H. A. B. de S.* Sem querer bulir em sentimentos piedosos, gostaria de lembrar que uma maneira cristã de sufragar a alma dos seus defuntos, seria o repartir pelos que precisam aque-

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.)

que os ausentes são muito mais portugueses do que aqueles que nunca saíram de ao pé das saias da mãe! Ali se fala de um alguém que lembrou e logo foi secundado. Sim. Alguém. Para actos desta natureza, torna-se preciso um alguém. E' a faúlha. Ela cai necessariamente sobre matéria comburente e aí temos o incêndio. Incêndio de lume. Luz viva. Sopro de Deus. Não há fumo. E vamos fazer o mapa. Ninguém duvide. Todas as circunscricões. Todas as vilas. Todas as cidades do nosso vasto Império, não-de ficar marcadas. Vou estudar desde já o processo mais seguro de afixar o nome *Casa do «Xai-Xai»*, e desde já declaro que ela fica no lugar de Cadeade da freguesia de Paço de Sousa a cem metros da estrada. Mais uma telha da ilha de Moçambique de 130\$. Isto seria quase nada se não tivesse em si uma grande lição, para as mulheres casadas, do Continente. Esta de quem se fala, para ajudar o seu marido e ter que dar aos que precisam, ocupa as horas vagas fazendo trabalhos—*tricot*. Ajudar o marido! Que linda palavra! Que formosa missão! Que é o casamento um auxílio mutuo e interminável. *Trabalhamos os dois com grande amor por essa obra*, diz a carta. Os dois!

la soma que se dá por flores. Eu gosto muito de flores. Eu adoro as flores... no seu lugar. Mais cem escudos. Mais esta carta:

«Vai um cheque de 750\$. E' o meu primeiro ordenado, inteirinho.

E' para a "Obra da Rua", a mais Cristã das Obras de Caridade dos nossos dias. Continuem a mandar-me o "Gaiato". Foi ele que me ensinou a amar o Pobre e a dar tudo inteirinho. Faz-me muito bem. Muiíssimo bem.

E-pero arranjar mais assinantes. Peço ainda o favor de me enviarem 4 volumes do livro "Isto é a Casa do Gaiato". Uma pergunta que todos me fazem: Pode-se mandar o dinheiro em angolares?... Responha-nos, Pai Américo, no próximo "Gaiato". Diga se recebeu "os 750\$ do meu primeiro ordenado, inteirinho."

Não escrevo mais, porque não deve ter tempo de ler mais...

...Querida saudade linda para o Pai Américo... Já sei! Saúdo-o à maneira de Cristo, Senhor Nosso:

"Pax tecum!"

Isso. Isso mesmo. Disto é que eu gosto. Ah! Gaiato que só em ti eu espero. Só em ti eu acredito. Só por ti o mundo se pode salvar. Porque? Porque és a tribuna dos apaixonados de Cristo. Tu és mesmo, Gaiato, a pedra de toque dos verdadeiros cristãos; os que não são de Deus, aborrecem-te. Mais duzentos escudos. Mais 150 deles. Mais cem de um estudante universitário. Outra vez a *Maria atribulada*; não desanime. Eu rezo por si. Mais de Vila Gago Coutinho um modesto funcionário manda cinquenta escudos. Mais 50 de Ilhavo. Mais uma pancadaria de encomendas postais. Mais duzentos da Senhora da Hora. Mais cem. Mais de algures um cheque de 5 contos. Mais da Rua Câmara Pestana 30\$, que foram divididos consoante. Mais 20 de Cantanhede. Mais duzentos e cinquenta escudos da África Francesa. Mais vinte de Valadares. Mais cem para os pobres do Barredo. Mais da Lousã 50\$ *de um funcionário que só tem o seu vencimento e um grande desgosto por ver tanto egoísmo causa de tanta miséria*. Isso. Isso mesmo. Disto é que eu gosto. Isto é doutrina. Um funcionário que dá do que precisa para si é por isso mesmo um pregador eloquente da doutrina de Jesus. O mestre não diz mal de quem dá as sobras; mas também não honra. Aponta o facto e caminha. Agora quem ele honra e ama são os que tiram ao seu estômago e dão o que lhes faz falta. Mais cinquenta de Lisboa de uma que quer saber se sim ou não recebemos. Recebemos sim senhor. Mais 150 do Porto. Mais outro tanto de Lourenço Marques. Mais duas peças de cotim de Campo de Bêsteiros. Mais de Lisboa 50\$. Mais quarenta para o Barredo. Mais esta carta:

«Estamos casados há três anos. Temos dois filhinhos, um casal, que são todo o nosso enlevo. Esperamos no fim do mês que entra amanhã, a vinda dum terceiro. E' este mesmo, ainda no ventre, que envia 100\$ para matar a fome a alguém seu irmãozinho em Cristo Jesus, que habita no BARREDO».

E foi assim mesmo. Escolheu-se a que saiu da maternidade, que já conhecemos, e cumpriu-se.

CANTINHO DOS RAPAZES

A comunidade de Paço de Sousa, lembra-se do António Cruz,—o António sapateiro, como era conhecido. Pois bem. O António, que veio da Guarda, tinha qualidades. Um ano após a sua estadia, foi chamado a colaborar, como chefe do andar fundeiro da casa dois. Cumpria. Mas tempos depois aborreceu-se e declarou que não desejava continuar. *Não quero ser chefe*, declarou, e deixou cair o lugar. Eu soube e fiz de conta que não. O rapaz andava ocupado com o seu exame e também não estava ainda seguro no seu officio de sapateiro. Apenas o chamei, disse-lhe do meu desgosto e deixei correr. Outro o substituiu. Hoje, porém, chega a maré de agir e de falar. António sapateiro, que tem 18 anos de idade e exame da 4.ª classe e luzes do seu officio, foi de novo convidado a preencher o lugar de um chefe, o Alfredo Rosas, o qual se empregara como moço de padeiro, no Porto; e António sapateiro vai e diz que não. *Não quero ser chefe*.

Isto foi um sábado à noite, no andar cimeiro da casa três, aonde vivem uns 20 rapazes da sua idade. Vieram-me comunicar e eu compareci imediatamente. Estavam todos de pé. Estava o rapaz—superintendente. Estava o comodista. Aquele, na presença de todos, repete as palavras deste e explica a sua attitude preguiçosa e malcriada. *Não estou pra me ralar*.

Naquela mesma hora e na presença de todos, António sapateiro foi convidado e no dia seguinte marchou para a sua terra natal. Já me tem escrito. Há-de escrever mais vezes. Nada lhe vale. Eu não atendo. O rapaz tem talentos, por isso foi chamado. Não quis fazer uso deles. E agora? Agora, siga-se a doutrina do Mestre; do nosso único Mestre: *ao que tem e não dá, tire-se-lhe o que tem*. Pronto.

Meus filhos; nós somos uma Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes. Todo aquele que for considerado digno de subir a um posto de sacrificio, esse mesmo apresente-se e tome as armas dos seus talentos. É mesmo por causa desses talentos que ele é chamado. Alegre-se no seu Senhor pois d'Ele mesmo é que os recebeu; e façam render. Não sendo assim, esse tal tem necessariamente de sofrer o que está actualmente sofrendo o António sapateiro. Não há outra regra. É do Evangelho. *Quem tiver recebido pouco e não fizer render, esse mesmo pouco se lhe tira e dá-se ao que tem muito!* Vede quão terrível não é Deus na sua justiça!

Haja cautela; haja brio da vossa parte. Vós sois os naturais conservadores e continuadores da vossa obra. Não deveis alimentar os comodistas dentro dela. Olhai que as abelhas matam os zangãos...

O António sapateiro preparava-se para o crime de receber e não dar, tendo ele quê. Gostaria de ser mosca. Um parasita da Obra, a comer o suor dos que trabalham! Era isto tudo que ele gostaria de ser. Mas não foi! É preciso que nunca nenhum o seja.

Mandaram-se-lhe as coisas para a sua terra. Mandou-se a conta corrente e um cheque do saldo a seu favor. Se ele ainda o não sabia, fica agora sabendo que a Obra não engana ninguém. Talvez nem ele scubesse que tinha saldo.

O
B
A
I
R
R
O
D
O
S
G
A
I
A
T
O
S

O Sérgio, o Caminha e o Piloto carregam a primeira pedra.

Toda a gente sabe dos nossos planos, que já foram aqui ditos, a saber: fora do muro da aldeia e para uso dos Rapazes-Continuadores, que venham a casar-se, vai levantar-se um gracioso aglomerado de 6 moradias. Urbanização e tudo o mais, é obra do Arquitecto Teixeira Lopes, responsável pelos edifícios da aldeia. A sua parte original reside no facto de serem os próprios rapazes a construir o seu Bairro: pedreiros, carpinteiros, trolhas, pintores. Eles.



Ai como a cruz desta vida se tornaria para nós mais pesada se no caminho não encontrássemos tantos *cerineus* que no-la ajudam a levar!

Por missão, nós temos que mendigar o pão para os nossos, outra filhos de ninguém. Nas outras épocas são as igrejas das cidades, nesta são as praias e as termas.

Há dias ouvi um Sr. Prior, um apaixonado pela Caridade, a dizer do altar abaixo: *ajudemos todos esta Obra que tão escandalosamente tem sido ajudada por Deus*. De facto, isto parece um escândalo nos nossos dias, mas um escândalo para o bem; se não fosse, não podia vir de Deus. Ora vede o que se tem passado no centro do país.

No primeiro domingo de Agosto foi na Igreja do Luso. Havia ainda pouca gente; o ano está mau. Eu cá por mim não tenho razão de queixa! Trouxe de lá para cima de desassete notas de cem e muita amizade. No Buçaco ainda não era ocasião.

No segundo foi na Capela do Forte da Figueira à Missa das 11,30. Os alto-falantes na véspera tinham prevenido. Tudo a colaborar. No fim da missa muitas crianças perguntaram se *aquele é que é o Sr. P.º Américo* e recebiam a resposta triste do não. Senhores e Senhoras queriam dar-nos almoço e ofereciam a casa para mim e para os seus rapazitos; e muitos cumprimentos e muitos abraços para o Sr. P.º Américo. Tudo muito bem e por fim entregaram contadinhas em notas do Banco, três de conto e uma de meio conto. Um mar de entusiasmo!

No terceiro fomos mais longe; foi Nazaré. A viagem não quero lembrar, porque me causa arrepios: três furos e sem ferramenta. Partimos de Coimbra às três e meia da tarde e chegamos a Nazaré já passava das 10 da noite. São os pneus gastos; eles têm razão, mas o dinheiro não dá para tudo. Se há aí alguém que já tenha passado por estes apertos e agora nos queira libertar deles, o nosso carro calça o n.º 5.00/5 25-15; a Mabor já fabrica. Chegamos a Nazaré sem conhecer nada nem ninguém. As pensões já não serviam. Estavam para telefonar para o Hospital quando apareceu uma Senhora a perguntar se eu é que era... e que os rapazes ficavam em sua casa. Um anjo que veio do Céu. Tudo se arranjou. Esta Se-

hora é uma apaixonada por nós e os filhos e marido do mesmo modo. Só visto, que contado não tem graça.

Ao outro dia muitos nos queriam em casa. Uma Senhora chamou os rapazes e deu-lhes muitas chuteiras e meias e bolas. Um delírio para eles e uma carga de trabalhos para mim. Tudo é viver. No fim fomos a contas e contamos trinta e sete notas e meia e mais duas de uma asinatura e um terço de prata e muitos selos e um anel e vi também dançar o vira Viva o povo de Nazaré.

No último domingo foi em Monte Real. Tudo a postos. O sr. Prior e os Senhores proprietários e Gerente do Hotel Monte Real desfizeram-se em amabilidade. Estávamos como em nossa casa. Nós não merecemos, mas a criação abandonada, por amor de quem vamos, tudo merece. Todos se desobrigaram e muito bem; muito para cima de três contos e muitas promessas e muitas felicitações. Fogo nas almas!

E em Setembro há de ser no Hotel Lusitano no Luso e outra vez na Figueira e em Penacova. E o contribuído dos que têm férias para os que têm direito à vida. Havemos de bater toda a floresta!

Padre Horácio

FALTA DE TRABALHO

Continua, graças a Deus, a vir aos psucochinhos. No entanto, o povo diz e na verdade: a pouco e pouco vai a galinha enchendo o papo. Nota-se por tudo que caíram bem as nossas falas. É porque temos razão ao apregoar a doutrina da repartição equitativa. Porém alguns têm receio de ser mal servidos! A esses informamos que as máquinas funcionam o suficiente para agradar. São poucos. Há alguns que se explicam doutra forma, mandam, e uma minoria destes declara que a primeira encomenda é à experiência! Em tudo isto, no fundo, há amor. Mesmo o receoso, esses, digo, fazem parte deste cortejo. Dar ocupação a mais duma dezena de rapazes que ontem te metiam medo e hoje limpinhos e asseados, servem o que precisas, se trabalho lhes dás. A *compor* ou a *imprimir*, se preparam para a vida que os espera — futuros operários.

Permitam-nos aqueles que já sabem, para que possamos avisar outros que porventura queiram saber — a Tipografia da Casa do Gaiato de Paço de Sousa espera por uma simples carta, ordens para execução de parte dos vossos serviços de tipografia. Sejam facturas ou envelopes; livros ou recibos, etc. etc. Basta que para tal nos enviem os originais e respectivas quantidades.

Mais nada por hoje, amigo leitor. Esperamos que nos escutes, porque assim levantaremos o Portugal de amanhã. Para isso é necessário dardes nos trabalhos, muito trabalho. Que assim seja. J. M.

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Abel é possuidor de dois coelhos brancos. Ele e outros, construíram uma casota encostada ao depósito da água, entre arbustos; mas quem trata dos roedores, é o Abel. Cada dia, a seguir ao jantar, Abel faz o seu recreio cuidando dos dois amigos. Vai e abre-lhes a porta. Toma os braços, corre a mão sobre o pelo e assim vem com eles até à beira do lago onde vivem patos e gansos. Em redor há um jardim. Abel solta ali os seus amores e assim, amando, entretém o tempo, até que a sineta toca para o trabalho. São dois coelhos. Não há o perigo de aumentar a família, que se o houvera, eu já tinha tomado precauções. Basta de zaragatas...

*** Júlio tinha acabado de dar uma ensabada ao Piolho por um qualquer dos seus desleixos. Este aceita sem nada dizer. Por pouca sorte, Júlio tinha deixado cair no chão uma caixa de alfinetes e, ou que não reparasse ou não tivesse tempo de os apanhar, o certo é que, dada a apreensão ao seu súbdito, Júlio retirou-se para outras ocupações, todo formalizado. Piolho fica sozinho a preparar-se para ir ao Porto aviar coisas. Viu no chão os alfinetes e em vez de apanhar, meter dentro da sua caixa e colocar a dita sobre a mesa do Júlio, que fez ele? Que fez o nosso Piolho? Escreve este bilhettino, e deixa-o ficar sobre a mesa:

*Veja agora quem é
mais desleixado!
Parece-me que isto*

Ora vejam os senhores! Aqui anda um bocadinho de paganismo. Isto é simplesmente uma vingadela. Espera-se que Piolho se arrependa e venha a ser cristão. Com uma letra tão bonita como esta que ele tem, não deve, o Piolho, usá-la para escrever sentenças de vingança.

*** Os dois tecelões de Vizela costumam vir passar o Domingo aqui; chegam na tardinha do sábado. Estávamos ontem na hora do terço e eles à vista. O Hélio começa a falar; o Manuel Jorge não. Este nunca diz nada antes que se lhe pergunte. Companheiros na fábrica, companheiros nas suas viagens, idem do quarto de dormir, estes dois belos rapazes, por seus feitios diferentes, completam-se. Pois é verdade. Hélio abre conversa na presença de todos e começa por revelar que come coisas muito boas; que a menina Celeste, lhe dá muito de comer: *hoje foi arroz com pernas de galinha*. E só depois é que ele dá informações de como são ocupadas as suas horas na fábrica e do que já sabe fazer e de que os mestres são muito amigos e mais e mais.

Este repente do futuro tecelão em dizer antes de tudo o que come e fazê-lo com tanto entusiasmo, é uma declaração do que ele é e todos nós somos animais. Primeiramente o homem animal, depois o espiritual. Ninguém foge a este pendor. Todas as forças do segundo são precisas para vencer o primeiro. Ninguém atire pedras ao telhado dos vizinhos.

*** Faisca apresentou-se, hoje de manhã, munido de grande lista dos grandes papeis que precisa afim de começar os seus estudos no próximo ano lectivo. Ele certidões, ele atestados, ele bilhetes; um mundo. Deuse-lhe dinheiro e ele mesmo fez o itinerário; seguiu a Penafiel e de lá dirigiu-se directamente ao Porto. Chegou à tardinha meio aviado. Meio aviado, digo. Quem se mete nestes caminhos, não sai deles facilmente. Não temos o dente a considerar a

exuberância dos papeis, senão que, também, a qualidade das pessoas que os dão. É preciso esperar. É preciso muita paciência. Amanhã é o grande adverbio destes negócios. Faisca tem de tornar. Pois Faisca deu contas. Como não teve tempo de ir ao Lar, almoçou por sua conta e risco. Diz ele que foi num restaurante fora da Estação; e que foi sopa e duas sardinhas e azeitonas e um mollete e 5\$90.

Faisca quer uma mala; veio hoje aonde eu estava, pedi-la. *E' pra levar a minha roupa*. Eu disse que não. Que pedisse uma saca na rouparia. Quando eu era pequenino como ele, emigrei de Portugal à procura de fortuna, e foi dentro de uma saca que leví os meus haveres. Uma saca vermelha com ramos amarelos e no fundo, duas grandes massanetas. Uma corda de retroz cruzava e fechava a dita. Era o luxo daquele tempo. Voltemos a eles. Voltemos aos bons costumes. Faisca que peça a saca e acabou.

*** As coisas vão actualmente muito apertadas aqui por casa. É a borra. O pão cozido. Eu já há muito que tinha dado fé, mas deixava correr. Porém, agora, resolvi falar. É o caso que uma grande parte dos rapazes saíam do refeitório com grandes nacos de borra na algibeira e no seio e nas mãos. Pela tarde fora ocupavam-se em rilhar. Nas oficinas aonde trabalham e por sobre bancos e mesas, viam-se migalhas. Era uma desordem notória. Era um desgoverno. Não podia continuar assim. Houve um tribunal. Chefe deu avisos e nomeou apalpadores. Esta semana estão de serviço, Russo e Valeta. À saída e havendo desconfiança, eles intimam e apalparam. Se os senhores cá vierem a horas do nosso jantar e se lembrarem disto que aqui lhes digo escusam de perguntar. São os apalpadores. O pão tem tanta força e é tão apetecido, que alguns correm o risco e têm sido apanhados. Mas o apalpadores não são para graças e o delinquente volta ao sítio e coloca sobre a mesa o corpo de delito. Para grandes males, só grandes remédios.

*** Presidente tem andado estes dias muito ocupado, com a afluência de visitantes. Mal vê um carro subir a avenida, larga o que tem nas mãos, e aí vai ele ao encontro dos passageiros. Ele mede o carro, mede os ocupantes, dos pés à cabeça e vai sabendo quem eles são, no decorrer da visita; tudo isto, para fazer o seu juízo de quanto eles vão dar. Porém, as mais das vezes, Presidente engana-se... Falta-lhe a experiência dos anos. Por mais esperto que seja, não pode ainda conhecer os homens; está a verde. Ontem foi um dia de grande entusiasmo para o rapaz. Não houve *notas conhecidas*, como ele costuma dizer com enfado, quando apresenta uma de vinte. Ontem não. Eram todas raras. O rapaz pinchava de contente *Olhe estas!* Era quase noite quando foi comer. A bicha dos visitantes estende-se até ao pôr do sol. Presidente, no fim, vem ter comigo e faz um pedido. Quer ser chefe dos cicerones. Chefel Ora aqui é que Presidente meteu água. Segundo a nossa doutrina, isto é um grande disparate. Nós aqui pregamos a humildade. Nós queremos rapazes humildes. Que o nomeassem, sim. Mas pedir, não senhor. Quem pede o lugar de chefe, nunca pode ser um chefe.

DIVULGAI
«O GAIATO»
ANGARIANDO
NOVOS ASSINANTES

LAR DE S. JOÃO DA MADEIRA

Estive ontem ali e o chefe pediu-me toalhas de rosto; olhe que não temos nada. Nunca ali vou que ele não venha atrás de mim até ao Morris, a seringar-me por coisas! E agora seringo eu.

Não a todos; seringo somente os S. Joanenses ou, quando muito, os de Aveiro e outras terras onde os rapazes de S. João vendem o Famoso. São toalhas para limpar a cara. Como os rapazes, ali, são todos de uma só cara, vinte delas remediavam. E o chefe a pedir; é preciso que o escutem. Ele está no meio ao jardim, a olhar-te, e não acredita que assim não seja. Não acredita, porque também ele cumpre o seu dever. Ele está trabalhando para todos os portugueses de aquém e além. Está-lhes guardando as costas e os cofres e a vida...

Agora mesmo acaba de me devolver dois rapazes que tinham ido daqui para a Lar, colocados, e deram uns ladrões; meteram a mão na gaveta do patrão. O chefe foi buscá-los ao emprego, trouxe-lhes a cartilha e mandou-os ao Pai. É este todo que vem na estampa e pede toalhas de rosto. Pede tão pouco e dá tanto! Deu o seu concurso aos seus dois irmãos para os ajudar a vencer. Quem ganha com isso? És tu.

Ele está no jardim que ele trata e faz que os seus irmãos façam o mesmo, nas horas vagas. É ele, o Carlos Inácio, um professor da Casa do Gaiato, brevemente. O jardim! Herdamos ruínas. Ali, ontem, havia tojos e silvas. Era uma casa abandonada. Hoje é uma colmeia. Tantos que merecem e quem poucos o reconhecem!

Vamos a ver o que isto dá. Eu gostaria de ouvir da boca do próprio, nas vezes que ali vou, que o senhor fulano e o senhor sicrano e o senhor beltrano mandaram toalhas. E que de Aveiro também. E Espinho na mesma. E Cucujães e O. de Azeite e Arrifana e tudo. Gostaria de ouvir. É ele. Ele tudo merece.



O NOSSO LIVRO

E' o segundo volume do *Isto é a Casa do Gaiato*, do qual já se imprimiu a sexta e anda-se actualmente com a sétima folha. Esperamos que ele venha a ser a prenda do próximo Natal; a grande alegria do Nascimento.

Piolho tem sido incansável a pôr em ordem as fichas do primeiro volume. Só ontem é que terminou. São três mil delas com tudo quanto lhes diz respeito e por onde se vê quem sim e quem não. Aos quem não, vai Piolho falar por meio do costumado postal... O rapaz tinha arquivado 3.000 cartas; era um montão! Agora não. Agora é um ficheiro, que nada fica a dever ao do Avelino. Tudo a espelhar. Sim senhor. Estou contente. Piolho está em progresso. E' raro dar actualmente uma na ferradura. Viva ele!

Agora, uma coisa que se pede aos senhores leitores do livro é que, ao receberem o postal, estando culpados, queiram desobrigar-se. Dêem essa alegria aos nossos rapazes. Eles, afinal são vossos. Eles são uma voz a chamar por ti...

Quanto aos fixos, esses, mesmo sem pedir, receberão, a seu tempo, o segundo volume. Foi mesmo para isso que Piolho teve o cuidado e eu a despesa, de preparar o importante ficheiro. Quando receberem, quer no Continente quer fora, já sabem do que se trata. E' ele. E' o livro. Toma-se uma faca de cortar papel, abrem-se as folhas, devora-se e o dinheirinho que não falte. O dinheiro é um círculo vicioso. E' uma convenção que os homens fizeram necessária. Por mim não o pediria nem o aceitaria jamais. Que fazer, pois? Extrair-lhe a peçonha com muita cautela e desta sorte, já ele, o dinheiro, não faz mal a ninguém. A peçonha é o apego.

O Júlio não aumenta o preço; os vinte escudos que pagaram o primeiro, são o custo do segundo. Não aumenta. Mas não impede que se vá mais longe. E eu também não.

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Permanecemos em déficit! Mais, so-be como o termómetro e já ultrapassou a classe dos 800\$00! No entanto, incluímos mais três Pobres na nossa família vicentina.

Vamos lançar uma ideia a ver se vinga: são aproximadamente 50.000 os leitores de «O Gaiato». Pois bem. De entre os cinquenta mil, não haverá 12 que de-seje tomar a seu cargo a obrigação da esmola que entregamos semanalmente? São apenas 20\$00 por semana, o que dá 80\$00 por mês. Quem levanta o braço? Que linda maneira de nos ajudar! Valeu?

Transitemos imediatamente para outro caminho e falemos dos que diminuiram esta quinzena o déficit até à quantia acima referida. O primeiro donativo é lisboeta; são 100\$00 da D. Lídia. A seguir de algures 40\$00, resto dum satisfação de contas em aberto. Mais Lisboa com 10\$00. Se os senhores do Porto não se põem à tabela, os lisboetas passar-lhes as palhetas... porque novamente 50\$00 de Lisboa dum Senhor com um nome ilustre e de categoria! Eu bem digo e não me engano, evidentemente. Da nossa estimada assinante de Lisboa outros 250\$00; pedimos desculpa da publicação atrasada, mas quando recebemos eles, já o Famoso estava a rodar no prelo. Mais vale tarde que nunca, lá diz o ditado. Por fim esta carta: *envio a quantia de 50\$00 para os Pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo, por amor a Santa Filomena.*

Segundo o nosso canhenho terminaram aqui os que diminuíram o déficit esta quinzena. Temos cá uma fé que alguém será capaz de mandar uma *bolada em cheio*, dessas que às vezes surgem... e a gente sem contar. Pode ser que sim.

J. M.

-me imenso este quadro. Como o Evangelho nos dá oportunidade de sentir o amor do próximo que é semelhante ao amor de Deus!

JÚLIO MENDES

DE COMO EU VI E SENTI A INAUGURAÇÃO DAS CASAS PARA POBRES

Horas altas viveu Paço de Sousa estes dias! O povo foi aviado. Melhor. Ouviu no histórico templo do convento, a palavra do Mestre, que impõe à consciencia individual o dever de amar, cada qual dentro do seu âmbito, o irmão Pobre.

Que momentos inesquecíveis; que doutrina tão dura; que Verdades de sangue, que alguém jamais pregou entre as paredes da igreja, erguida nos primeiros tempos da nacionalidade! Sabeis porque? Fazer e dizer. Eu explico—primeiro, as casas estão à vista de todos, crentes e descrentes; depois a palavra evangélica. Meus senhores, quem pregar assim o Evangelho, faz lume nas almas e queima os corações. E enão com a força da renúncia... Os fiéis apreenderam a orgânica das Casas—*Patri-mónio dos Pobres*, que desnecessário se torna lembrar, visto já ser do conhecimento dos leitores. Mais. Que não era uma simples mudança ou transferência. Sim, um acto solene—um *jubileu!* Porque? O amor do Próximo é semelhante ao amor de Deus. E desta forma, solenemente, se colocou ao que é seu, velhos e velhas, doentes incuráveis e mais, que viviam em cortês! E dentro delas tudo vivia (?)—homens e animais! Isto são verdades duras; são. Mais doloroso era vê-los, já insensíveis, na anormalidade em que jaziam...

Pois bem. Dia 2 de Setembro. No princípio da tarde, toda a freguesia se movimentava, apesar da incerteza do tempo. Mas qual tempo... Nada entrava a volúpia. Nada. Era um *jubileu!* Famílias inteiras abandonaram suas casas, e foram pelas dos Pobres! Que espectáculo! Como e amor do próximo é semelhante ao amor de Deus... Quando Jesus pregava, magnetizava de tal forma as multidões, que as arrastava a quilómetros e quilómetros de suas terras. Até nos diz mais o Evangelho, que dum vez foram para o deserto! Era a volúpia daquele tempo. Hoje na mesma. As palavras são as mesmas. Cristo é o mesmo. O povo tem fome e sede de justiça. Que justiça! Dar uma casa a um habitante dum corte! Colocar o Pobre no lugar que lhe compete, ao seio da comunidade cristã.

Eu também fui em romagem. Os caminhos estavam cheios, aqui e acolá, por gente aos grupos. As faces do povo eram de visível alegria. Pois porque não? A nossa religião; a religião de Jesus Cristo, não é para melancólicos, não. O cristianismo é fonte perene de alegria espiritual. As faces do povo eram de visível alegria.

Cheguei a Esmegilde—o local mais concorrido e tem a sua razão, só aí há nada menos de quatro casas—eram centenas de pessoas que gozavam o prazer espiritual da entrega das moradias. Eram centenas as pessoas da nossa gente humilde, da nossa gente dos campos, que pasmava. Nunca viram assim o Evangelho; na sua simplicidade—o povo e os Pobres; mais ninguém e acanhada cerimónia. Só lágrimas e alegria.

A primeira casa a contar da entrada ao lugar, é a do meu Sr. Dias. Estava pejada de gente. Ouviu-se: *quem me dera uma casa assim!* Apalparam a cobertura da cama. Pegavam na loiça de barro posta no beiral da chaminé. Remexiam novamente as roupas da cama. Ao fundo, na cozinha—mas que cozinha, toda ela portuguesa!—já saboreava o prazer do preguiceiro o Sr. Dias. Ele chorava, e chorava, ele abraçava-me. *Tenho tantos filhos e não se interessam de mim!* Os visitantes ouviram. Foram testemunhas da acusação dum pai de família. Eu cada vez lhe via mais lágrimas nos olhos. Lágrimas que não tenho palavras para descrever. Eu quase estive também a chorar. Não podia mais. Despedi-me. Que revolução nas almas, não faz este quadro espiritual! Só visto. Descrito, é outro que fala, mas seate.

Osromeiros, uns ficavam, seateavam-se à beira da estrada e saboreavam. Outros retiravam-se para outras, outros sítios. Mas a avalanche não parava. Do que eu mais gostei foi de acompanharem em todos os momentos o seu irmão Pobre da cortelha, naquele dia grande para ele. Que consolação!

Mais adiante era a Sr.ª Margarida. Nasceu ao mesmo sítio e ao mesmo lugar onde a casa que agora habita está situada! Que maravilha Deus não opera, pelas mãos dos homens. Isto dá-nos fé. Mesmo o mais laíal, lá dentro, muito dentro da sua alma, se torna sensível. Torra porque? O Evangelho é isto. Cristo é isto. Cristo será isto—Obras à vista, depois, revolução nas almas. Estou em casa da Sr.ª Margarida. Graude alvoroço, mais que em casa do Sr. Dias. Não admira. Nasceu e morrerá, ali, onde viu a luz do dia. Não se notava quase, ao meio da multidão que a cercava... Que grande oração a alegria do povo! Quando chegava uma nova visitante, eram abraços e beijos, lágrimas, cada vez mais lágrimas, que brotavam dos seus olhos. A sua face de tantos deles, avermelhara-se com intensidade. Sai. Passados tempos volvi novamente. O mesmo borboriço. O mesmo panorama da casa do Sr. Dias—grande interesse pelo portugalismo e simplicidade das casas: Rendas, loiças, preguiceiro, forno, cozinha térrica, etc. etc. Nas outras, febre idêntica. Mas não quero acabar sem contar um dos quadros mais enternecedores, que mais me chocou o coração. Não era de lágrimas. Não. Era o carinho da Sr.ª Mocha, que abraçava com sua mão direita um aosso pequenino e a outra plantava-a sobre a macieira que continha grande variedade de produtos dos nossos campos, e a saquinha com numerário. Quem me dera ter uma máquina fotográfica... Uma velhinha, alquebrada pelos anos, na sua casinha nova, a amar, a acarriahar, a aconchegar junto ao seu peito, um que não tem família, um abandonado; e a outra, como que a acarriahar o que ela diria, como em tempos disse, que não podia abusar ou habituar-se a comer...

Terminou bem a minha peregrinação. Comecei...

Terminei bem a minha peregrinação. Comecei...

Terminei bem a minha peregrinação. Comecei...

FERNANDO MARQUES

PELAS CASAS DO GAIATO

COIMBRA No penúltimo número de o «Gaiato» deixamos aqui um pedido para socorrer uma pobre rapariga que estava contaminada com a tuberculose. Esses socorros têm vindo de diversos pontos do país. Tenho presente um postal e três cartas.

O postal vem dirigido de Alfândega da Fê-Trás dos Montes. A pessoa que o escreve diz ser aluno de medicina e que nos manda dois tónicos e que não pode enviar a Vitamina C por estar numa aldeia.

As cartas vêm duas do Porto e uma de Barcelos.

Uma das duas do Porto diz: Junto envio para a tua pobrezinha 50\$00 por alma de meu filho que também morreu dessa doença. Esta carta trás como assinatura três letras MCA. A outra diz para acudir à jovem tuberculosa, remeto 100\$00. Esta carta também não vem assinada. Diz simplesmente: Uma admiradora dessa Obra. Quando já tinha escrito estas linhas recebi outra carta que vinha de Barcelos. Como é um pouco comprida não vale a pena transcrevê-la toda. Diz: que tem pena de não poder vir a Coimbra para ver a nossa casa. Manda-nos também 50\$00. Como não vinha registada tinha medo que não chegasse cá, mas felizmente cá chegou.

Os Laboratórios de Coimbra concorreram com remédios, para a salvação desta pobre rapariga. As pessoas que tão amavelmente nos enviaram estas cartas e aos Laboratórios desta cidade a nossa pobre está muita grata, e nós mais gratos estamos.

Também chegaram até nós chuteiras, meias, bolas e um equipamento de guarda-redes. Estas coisas vieram da praia da Nazaré quando ali foi o Sr. Padre Horácio fazer o pedatório o qual rendeu 3.700\$00. Também já fizemos o pedatório em Monte Real que rendeu a quantia de 3.500\$00.

JOSÉ MARIA FERNANDES

MIRANDA DO CORVO

Como tinha sido anunciado que no mês de Agosto seria a inauguração da nossa casa nova, assim foi. Nesse dia todos as-istiram à missa pelas almas do Purgatório e em seguida fez-se a limpeza da casa para quando o nosso Pai Américo chegasse estivesse arrumada. Depois houve almoço melhorado e por fim, lá para a tarde deitaram-se alguns foguetes e depois foi então a despedida do nosso Pai Américo. A casa nova como dissemos tem quatro divisões e a parte principal são as *almíνας* que dão para o largo e ficam em frente da casa.

No dia 12 de Agosto alguns dos nossos rapazes fizeram a sua Comunhão Solene. Dia de grande festa para esses que conseguiram fazer. Os rapazes foram 18 que são os seguintes: Augusto João, António Gonçalves, António Ramos, Jorge Manuel, Júlio Manuel, Octávio Fernandes, Adélio Ferreira, Luis Ferreira, Carlos Manuel, Manuel Ferreira, António Lutero, João Hingá, Manuel Galante, Victor Agostinho, António Carvalho, Artur Joaquim, Júlio Lopes, e José Domingos. O Sr. Padre Horácio na véspera ofereceu um terço branco a cada um e a fita da Comunhão que o Sr. Padre Joaquim pintou. Nesse dia o Sr. Padre Prior da vila veio almoçar connosco. No fim do almoço tiraram-se algumas fotografias e lá para a tarde houve procissão. Por fim

regressamos a casa muito contentes pelo grande dia e pela maior festa que houve em nossa casa.

Há dias pela madrugada demos com cinco porquitos que tinham nascido naquela noite. Quando a notícia chegou aos ouvidos dos nossos rapazes era uma alegria pela casa fora logo ao romper o dia porque contávamos com mais mas foi o contrário, não nasceu nenhum e morreram dois. Isso não é de admirar porque a porca era nova e é a primeira vez que tem criação. Agora vamos ver se ela conserva os outros e se para a outra vez ela cria mais do que desta.

CARLOS MANUEL TRINDADE

PAÇO DE SOUSA Hoje a principal notícia que vou dar aos senhores, é do nascimento de mais um vitelinho. Foi a semana passada. Nós andávamos a jogar a bola e o Sérgio veio nos chamar para irmos ver. Fomos quase todos e ficamos muito contentes, pois era muito lindo e muito mansinho. Este ano já nasceram uns poucos e graças a Deus estão todos fortes e valentes, pois o Arouca mai-lo Ferreira não os deixam passar fome.

Os senhores desculpem de eu tornar a vir pedir plantas, mas se não as pedisse andava tudo a roubar plantas uns aos outros, pois todos querem ter o seu jardim. Os senhores da última vez mandaram muitas para o Valete e ele andava muito contente por o seu jardim estar a ficar muito bonito. Mas agora já não. Anda triste. E eu vou contar porquê. Os outros rapazes que também têm jardim, mas não têm plantas nenhuma, começam por tirar algumas ao Valete, para as transplantarem nos jardins deles. Como os senhores estão a ver, se mandarem muitas já não acontece nada disto. Os senhores podem mandar para o meu nome, que eu reparto por todos em partes iguais para ninguém andar a chorar.

Tem cá estado um Snr. Seminarista que já é quase padre, pois só lhe faltam 2 anos. Ele gosta muito da nossa Obra e diz que quando for padre vai pedir ao Snr. Cardeal para o deixar vir para a nossa Obra. Na hora do trabalho ele vem ajudar-nos ao escritório e graças a ele já adiantamos muito os nossos serviços. Nós gostávamos que ele viesse para cá, porque é muito bonga e conta histórias e anda com os *bataias* às costas.

Ele aqui viu como se trabalha... A gente gosta que vejam...

Nos aos domingos e às vezes à semana, costumamos ter fruta, graças ao Caçoila e a todos nós que passamos por ela e nem sequer olhamos para ela para não nos tentarmos. Os senhores quando cá vêm e vêem as árvores carregadinhas de fruta e tantos rapazes a passar pelo pé delas, ficam admirados. Nós também ficamos admirados por dantes não termos força para isso e hoje já termos.

Só a bicicleta a motor, que pedimos no número passado é que ainda não teve resposta.

Entretanto, nós os dos escritórios, confiamos que os senhores se hão-de lembrar de nós.

Ainda hoje fui a Rebordosa em serviço da Tipografia. Os senhores não calculam a suadela que apanhei...

Mais vale tarde do que nunca.